criação social de problemas e soluções ao estilo irlandês

Uma sociedade em transição

Pat O'Connor

Resumo Este artigo analisa as soluções para o problema da conciliação entre trabalho e vida familiar, apresentadas por jovens de ambos os sexos, de idades entre 18 e 30 anos, numa sociedade em mudança como é a Irlanda. Descreve-se brevemente o contexto social irlandês em que estes jovens se inserem; dá-se conta da situação e das atitudes desta coorte etária e passa-se de seguida a examinar alguns dos temas que emergiram a partir da análise da informação resultante das entrevistas focalizadas de grupo realizadas neste país.

Palavras-chave juventude; trabalho; família; género.

Introdução

Tradicionalmente, na Irlanda, à mulher cabia gerir o mundo familiar, enquanto o mundo profissional era domínio do homem,¹ e ainda hoje essa mentalidade é visível no reduzido número de serviços de guarda de crianças financiados pelo Estado e na ideia implícita de que, por norma, o trabalhador irlandês é do sexo masculino. Recentemente, tem havido grandes mudanças quer ao nível da participação feminina no mercado de trabalho, quer no que respeita à dimensão dos agregados familiares. Neste contexto, e dado o grupo de mulheres com um nível de escolaridade cada vez mais elevado, torna-se pertinente o problema da conciliação entre trabalho e família.

Este artigo analisa as soluções apresentadas para esse problema por jovens de ambos os sexos, de idades entre 18 e 30 anos, numa sociedade em mudança. Descreve-se, brevemente, o contexto social irlandês em que estes jovens se inserem, dá-se conta da situação e das atitudes desta coorte etária e passa-se de seguida a examinar alguns dos temas que emergiram das entrevistas de grupo focalizadas realizadas na Irlanda.

Contexto social alargado

Em 1996, 41% das irlandesas com mais de 15 anos integravam a força de trabalho, em comparação com uma média europeia um pouco acima de 45%.

Se nos concentrarmos nas mulheres casadas a exercerem actividade profissional, a percentagem irlandesa é igualmente baixa (isto é, 41%), embora seja claro que esta média esconde um *efeito de geração*. Assim, 63% das mulheres casadas com

Quadro 1 Participação das mulheres no mercado de trabalho, segundo a idade e o estado civil (em percentagem)

Idade	Estado civil		
	Casadas	Solteiras	Total
15-19	26	18	18
20-24	57	68	67
25-34	63	85	71
35-44	52	80	56
45-54	37	73	42
55-59	25	55	29
60-64	14	36	17
65 ou mais	3	6	3
Total	41	50	41

Fonte: CSO, 1997B: 55.

idades entre 25-34 anos estão no mercado de trabalho, em comparação com 37% daquelas com 45-54 anos (quadro 1). Estes dados reflectem os efeitos directos e indirectos da restrição ao casamento imposta até 1973 às funcionárias públicas, professoras do ensino secundário, etc., havendo mulheres em várias outras profissões a serem “incentivadas” igualmente a fazê-lo (O'Connor e Shortall, 1996). Assim, no princípio dos anos 70, apenas 7,5% de mulheres casadas integrava a força de trabalho, enquanto, em 1996, havia já aproximadamente dois terços de mulheres trabalhadoras casadas, com 20-34 anos de idade. Contudo, em 1996, 61% do total de nascimentos verificaram-se entre as mulheres com 25-34 anos (*Central Statistics Unit-CSO, 1997, C: 38*).

O alcance da mudança é visível, pois enquanto ainda, em 1986, a situação mais comum entre os casais era a de só o homem trabalhar (53% dos casais encontravam-se nesta situação), em 1996 isso já só se verificava em 39% dos casos. A proporção de casais em que ambos têm actividade profissional também duplicou ao longo deste período (de 16% para 32%). Com efeito, entre 1971 e 1996, 90% do crescimento no emprego verificou-se em emprego feminino (um acréscimo de 212.000 postos de trabalho para mulheres entre 1971 e 1996, em comparação com um crescimento de 23.000 postos de emprego masculino: CSO, 1997A).

Ao longo da vida dos jovens envolvidos neste projecto (isto é, aqueles nascidos entre 1967-1979), passou-se de uma situação em que as mulheres casadas eram efectivamente proibidas de exercer diversas actividades profissionais para outra em que a maioria das casadas com menos de 35 anos tem um emprego, bem como 43% daquelas com um ou dois filhos pequenos. Em 1991, havia 26% de mães com crianças pequenas no mercado de trabalho, enquanto em 1996 este número

aumentou para 37%, apesar dos poucos incentivos por parte do Estado ou do patronato. A Irlanda tem um dos níveis mais baixos da UE em serviços de guarda de crianças financiados pelo Estado (Brannen, 1997), e não existe tradição de empregos a tempo parcial. Em 1994, este tipo de trabalho atingiu apenas 11% da taxa total do emprego na Irlanda e, embora sendo o dobro do que fora dez anos, continua baixo de acordo com os níveis internacionais (*National Economic and Social Forum*, NESF, 1997).

No interior da família, as mulheres irlandesas são normalmente encaradas como o lado forte (Connor, 1998). Lynch e McLoughlin sugeriram que é pertinente pensar em actividades como a tarefa de tomar conta dos filhos e "as importantes actividades de cuidar e zelar pelo outro" como "trabalho de amor" (1995: 259). Estas actividades consomem "energia, presença e tempo, tal como uma profissão" (1995: 263), e sendo esmagadoramente feitas por mulheres na sociedade irlandesa, de facto são elas que as definem. Contudo, a valorização social destas actividades, no âmbito de uma sociedade cada vez mais materialista, marcada por fortes diferenças de género (Connell, 1995), é problemática, embora se argumente que se torna ilógico excluí-la da contabilidade nacional, pois disso resulta a exclusão de 25-40% do produto económico (Fahey, 1991).

Embora os homens dominem esmagadoramente os cargos de autoridade, as mulheres estão cada vez mais a ocupar aquilo que Savage (1992) denominou por cargos de "especialistas" (contando-se com 65% de mulheres quadros no sector dos serviços — CSO 1997B: 30), um padrão que reflecte o seu elevado nível de escolaridade e a tendência para as mães escolarizadas participarem no mercado de trabalho. Na Irlanda, como, de resto, em toda a UE, a taxa de actividade das mulheres, e particularmente das mães com filhos pequenos, é fortemente influenciada pela escolaridade (*Boletim sobre as Mulheres e o Emprego*, 1995, Abril, 8).

Existe uma longa e surpreendente tradição de as mulheres serem mais escolarizadas do que os homens na Irlanda. Entre a população com 55 a 64 anos de idade, este país é o único da OCDE onde a escolaridade feminina é superior à masculina, e na faixa etária dos 25-34 anos, a diferença é enorme (Rubery *et al*, 1996). Em 1991, quando a taxa de actividade do total de mães irlandesas era inferior a 41%, a das mães licenciadas era superior a 68%, e para aquelas apenas com a escolaridade obrigatória situava-se abaixo dos 30% (as percentagens da UE eram 57,8%, 76,2% e 48,3%, respectivamente). Contudo, a importância deste efeito não está de forma alguma associada com o número de instituições de guarda de crianças, a oferta de empregos a tempo parcial, etc.

A situação dos jovens

O Eurostat (1996) demonstrou que as novas tendências da Irlanda no que respeita à posição dos jovens eram muito semelhantes às que se verificavam por toda a União Europeia. Assim, 36% dos jovens irlandeses com menos de 25 anos exerciam uma profissão, em comparação com os 37% da UE, e tanto na Irlanda como na UE a maioria destes trabalhava a tempo inteiro (86% contra 81%, respectivamente). Os

contratos de duração limitada ocorriam com menos frequência na Irlanda (19% contra 35%, respectivamente) e a taxa de desemprego entre os jovens irlandeses é ligeiramente inferior à taxa da UE de 1996: a dos jovens de 15-24 anos era de 21,8% enquanto na Irlanda era de 18,1% (Fórum da UE, 1997). Por toda a UE, tem-se verificado a tendência para que o desemprego feminino seja ligeiramente superior ao masculino, tendência que caminha no sentido oposto na Irlanda.

A escolarização tem aumentado drasticamente na Irlanda desde os finais dos anos 60, e como seria de prever, o seu nível está intimamente associado ao meio social de origem, ligando-se de forma negativa com o desemprego (*National Economic and Social Forum 1997*: 27). Em 1994, 87% das raparigas e 78% dos rapazes da coorte etária em estudo completaram o segundo ciclo,² ou seja, obtiveram o *leaving certificate*³ (Lynch and Morgan, 1995) — e apenas 25% abandonaram a escola antes da obtenção deste grau. Com base num estudo dos exames estatais mais neutros no que respeita ao género (o *leaving certificate* e o *junior certificate*),⁴ concluiu-se que “as raparigas ultrapassam significativamente os rapazes” (Hannan *et al.*, 1996: 147): elas perfazem aproximadamente metade dos estudantes de pré e pós-graduação nas universidades e estão em maioria em áreas tidas como masculinas, tais como Medicina, Direito e Ciências (Durkan *et al.*, 1995).

Por outro lado, as escolhas “tradicionais” ainda parecem ser atraentes (Whelan, 1992; Whelan e Fahey, 1994). Assim, entre os 18-29 anos, 42% dos jovens sentem que “é bom ter um emprego, mas o que a maioria das mulheres deseja é um lar e filhos”. Ainda mais marcante é o facto de mais de metade (55%) considerar que “ser dona de casa é tão importante em termos de realização pessoal como o trabalho remunerado”. Em contrapartida, 69% destes jovens irlandeses consideravam que “ter um emprego é a melhor forma de uma mulher se tornar independente”. A maioria deles não pensava que um emprego remunerado afectasse a capacidade de uma mãe manter uma boa relação com os seus filhos, nem considerava que tivesse um efeito negativo sobre estes (Whelan, 1992).

Na Irlanda, como por toda a Europa, “a instituição do casamento está a enfraquecer” (*Rapid Reports*, 1993: 4). Em termos da UE, o casamento na Irlanda é relativamente pouco popular: a taxa de nupcialidade na UE é de 5,4 por 1000 em comparação com a taxa irlandesa de 4,5 por 1000 (Eurostat, 1995). Tradicionalmente, a Irlanda era famosa pela pouca popularidade do casamento e por este se efectuar tardiamente (Clancy, 1991). Nos anos 90, a idade de matrimónio voltou a aumentar: a média de idade num primeiro casamento para as mulheres é de 25,5 anos, em comparação com os 26,3 anos na Irlanda (Eurostat, 1995). Contudo, enquanto na UE a idade no casamento é mais elevada do que era nos anos 60, na Irlanda, embora tenha vindo a subir, é ainda mais baixa do que era nessa época.

Tem-se verificado um declínio drástico na fertilidade entre as mulheres irlandesas (Eurostat, 1995) e assim, embora em 1995 a daquelas com idades inferiores a 35 anos (2,39) fosse a mais elevada da Europa, é completamente diferente do que fora em 1970 (3,44). Deste modo, não só o casamento se tornou menos popular na Irlanda ao longo dos últimos 25-30 anos, como também o número de filhos se alterou de forma radical. Adicionalmente, enquanto em 1980 os nascimentos fora do casamento perfaziam 5% do total, em 1996 atingiam os 25%

(sendo aproximadamente um terço do total de primeiros filhos). Este fenómeno não está relacionado com a existência de mães adolescentes, pois 62% destes ocorrem com mães solteiras entre os 20 e os 29 anos (O' Connor, 1998).

Metodologia

Este texto reporta-se a um estudo que ainda se encontra em curso e nele se reúne material, principalmente, acerca de jovens entre os 18-30 anos que estiveram envolvidos em cursos de formação dos programas FAS (com duração de 14-36 semanas), no âmbito do Centro de Formação Profissional de Limerick. O FAS é uma agência nacional de emprego e formação financiada pela Bolsa irlandesa e ainda pelo Fundo Social Europeu e pelo Fundo para o Desenvolvimento Regional. Em 1995, 34.149 pessoas com menos de 25 anos de idade passaram por um programa FAS, pois a agência oferece um variado leque de cursos, incluindo formação específica dirigida sobretudo àqueles que se encontram "prontos para o trabalho". Em 1995, 67% dos que frequentavam esses cursos encontraram emprego durante, ou pouco depois de a completarem, a formação (*Relatório Anual do FAS*, 1995: 10). Dos 13 grupos, 8 passaram por estes programas, e dos restantes 5, uns eram empregados da indústria hoteleira (assegurando por completo os serviços de um hotel) e outros estudantes universitários de pós-graduação.

No total, participaram nestas entrevistas 32 jovens (cuja média de idade era ligeiramente inferior a 23 anos) entre os quais se contavam 18 mulheres e 13 homens, as quais duraram aproximadamente uma hora as avaliações finais, sendo muito positivas. O nível de escolaridade dos participantes era elevado, com 61% de licenciados ou com habilitação equivalente. As mulheres tinham mais habilitações literárias do que os homens, havendo apenas um terço de mulheres contra 47% de homens com o *leaving certificate*. Entre estes, os empregos mais recentes enumerados incluíam operários fabris, empregados dos correios, empregados de comércio, um operador de computadores, um gerente de hotel, um contabilista, um engenheiro de som, profissional independente, um empregado de mesa a tempo parcial, surgindo depois aqueles que nunca estiveram empregados. Entre as mulheres, as ocupações mais recentes eram igualmente modestas, incluindo empregadas de limpeza, operárias fabris, empregadas de balcão a tempo parcial, empregadas de mesa e de bar, recepcionistas de hotel, vendedoras, empregadas administrativas, professoras de informática em tempo parcial, gerentes de hotel, havendo também aquelas que nunca tiveram emprego.

Soluções

Neste artigo, é dada especial atenção àquilo que estes jovens de ambos os sexos julgam ser as soluções para se conciliar o trabalho e a família, sendo os dados sobre as mulheres e os homens apresentados separadamente. Entre elas, as "soluções" mais populares consistiram em adiar o nascimento dos filhos, ou em considerar

inclusivamente nem sequer os ter e em defender o apoio do Estado, especialmente uma espécie de remuneração, para permitir que as mães que optassem por ficar em casa o pudessem fazer, gerindo elas próprias as suas responsabilidades. Entre os homens, as soluções passam pelo seu papel de provedores do sustento da família, adiando também eles os filhos, tendo sido feitas igualmente algumas referências ao papel do Estado. Pouco se espera das entidades empregadoras ou dos sindicatos quer por parte das mulheres, quer dos homens.

Embora estas soluções pareçam semelhantes, as mulheres salientaram mais a importância da existência de serviços de guarda de crianças e de formas de aceder a apoios financeiros para que possam elas próprias encarregar-se dessa tarefa a tempo inteiro, enquanto os homens, se bem que mais entusiásticos em relação a ter filhos, desejam retardar esse acontecimento até atingirem maior estabilidade profissional.

As mulheres

Conforme é descrito no artigo de Brannen (1998), as mulheres incluídas no estudo irlandês, que possuem elevadas habilitações literárias e estão, na sua maioria, a tentar activamente aumentar as suas capacidades profissionais, desejam tomar elas próprias conta dos filhos. Contudo, muitas vêem como pouco viável uma situação em que o marido tenha um emprego suficientemente bom que lhes permita a elas prescindirem de um trabalho remunerado. A inversão de papéis foi apenas mencionada uma vez (por uma jovem estudante de pós-graduação) e, no referido caso, como uma ideia rejeitada:

Não julgo que me sentisse feliz com um marido ou companheiro que desistisse do seu emprego para tomar conta dos filhos... uma amiga minha trabalhava e o namorado ficava em casa a tomar conta das crianças, e a ideia geral — e penso que neste caso era verdade — era de que ele não conseguia arranjar emprego (era um inútil). E eu concordo, ele era tão inútil que tinha de ficar em casa. Sei que é horrível e não pareço uma mulher dos anos 90.

Algumas das mulheres desejam e esperam partilhar a responsabilidade parental, mas entendem que há estrangimentos consideráveis para que isto se torne possível devido ao “orgulho” e “vulnerabilidade” masculinos. Assim, conforme disse uma formanda do curso de vendas a retalho:

Eles têm também a necessidade de ser o principal ganha-pão... os homens têm de trabalhar ou não se sentem bem com eles de forma nenhuma.

Este protecționismo em relação aos homens foi também referido pelas formandas de linhas de montagem, entre 19-21 anos, com o *leaving certificate*:

Penso que seria certo dizer-se que alguns homens se vêm na necessidade de... ganhar dinheiro... existe mais esse tipo de vulnerabilidade no homem do que na mulher.

As jovens estudantes de pós-graduação também se referiram a “todo o tipo de orgulho masculino”.

Adiar o nascimento dos filhos

De longe, a situação mais comum foi a de adiar o nascimento dos filhos até “se estar instalada na vida”. Assim, as mulheres que recebiam formação para gestoras de empresas, com idades entre os 21 e os 24 anos e cujas habilitações literárias abrangem desde o *leaving certificate* a uma pós-graduação, diziam:

[A] Eu gostaria de chegar a uma altura e assentar, quando estiver com uma situação confortável e bem na vida. Quando tiver uma carreira e um rendimento, então gostaria de ter uma família.

[B] Não sei bem se gostaria, tenho até tendência a adiar pensar nisso.

[C] Gostaria de sair e experimentar tudo primeiro.

[D] Gostaria de experimentar tudo, viajar pelo mundo e tentar tudo o que me apetecesse...

[E] Não penso que agora fosse capaz de lhes dar o meu melhor, não gostamos de sentir que, se casarmos e constituirmos família quando somos novos, nos arrependemos mais tarde, de que perdemos coisas e sabemos que não vivemos as nossas vidas.

Respostas semelhantes surgiram quer nas jovens com menos escolaridade, com 19-23 anos, que recebiam formação em vendas a retalho, quer nas formandas de linhas de montagem de 19-21 anos e nas jovens estudantes de pós-graduação de 22 anos, quer ainda nas mais velhas (27-30 anos), que são gerentes de hotel com uma licenciatura ou habilitação equivalente.

Com algumas variações, todas declararam desejar ter filhos:

Para mim é importante ter um filho... Sim, definitivamente, um dia mais tarde. Penso que pode parecer horrível, mas realmente não me sentiria uma verdadeira pessoa se não tivesse um filho a dada altura da minha vida.

[Estudante de pós-graduação]

Outras eram menos entusiásticas:

Talvez daqui a dez anos.

(Enquanto outra dizia): Não, acho que prefiro um cão.

Para as mais velhas, as gerentes de hotel, a altura de ter filhos está longe, daqui a 5, ou mesmo 10 anos, chegando a interrogar-se se realmente dariam prioridade à família:

[A] Teremos sorte se os chegarmos a ter.

[B] Gostaria de ter filhos aos 35 anos, no máximo.

[C] As crianças ocupam muito tempo, são uma prisão... eles (os filhos) tornam-se a prioridade.

[D] Existem ainda muitas mulheres que poderão não vir a constituir uma relação afectiva devido às suas ambições ... mas uma mulher tem de, a dada altura, casar, porque as pessoas comentam "oh, vejam aquela velha solteirona".

Entre as jovens pós-graduadas, há o medo de não casar:

Não quero chegar aos 50 e tal anos sozinha, com todos os meus amigos casados e longe... Tento não pensar muito nisso, mas é uma questão importante... Se eu estou com 30 e poucos anos e os meus amigos estão todos casados e com filhos, eu não devia estar aqui, quando todos já se foram.

As mulheres, na casa dos 20, profissionais da indústria hoteleira, referiram:

Espera-se que as mulheres casem e tenham filhos, enquanto os homens podem continuar solteiros até aos 40 ou 50, mas se as mulheres têm 34 ou 35, toda a gente se ri.

Do ponto de vista destas jovens, não existe um estilo de vida social aceitável para uma mulher solteira. De forma semelhante, as futuras gestoras dizem:

No fim, acabarei por andar à procura de um companheiro... Começa a haver uma ligeira ansiedade... porque, no fundo da minha mente, penso que ainda estarei a trabalhar ali quando tiver 40 anos, com casa própria e um óptimo ordenado, e estarei sozinha.

Assim, desta forma, não arriscam a adiar o inevitável por muito tempo.

Apoio estatal às mulheres domésticas

Nesta questão, está implícita a ideia de que o trabalho realizado pelas mulheres em casa é válido e, se o Estado o encara como tal, deverá remunerá-lo, quer a mulher seja casada ou não. Esta ideia foi mencionada frequentemente. Deste modo, as futuras empregadas de comércio consideravam que o apoio financeiro dado pelo Estado às mulheres solteiras devia ser aumentado:

Se remunerarem as mães solteiras, se as mulheres casadas receberem um salário, então muitas delas ficarão em casa a tomar conta dos filhos.

Embora reconheçam que o trabalho doméstico não é encarado como trabalho, afirmam:

Penso que a minha mãe se farta de trabalhar, muitas vezes mais do que algumas pessoas que trabalham fora de casa. Penso que deviam ser pagas por isso.

De forma semelhante, as formandas de informática, na casa dos 20, licenciadas ou

em pós-graduação salientaram que as mães que trabalhavam em casa e tempo inteiro "merecem algum tipo de remuneração pelo trabalho que realizam".

- [A] Elas estão, de facto, a trabalhar.
- [B] Se estivessem empregadas, alguém teria de fazer o trabalho delas.

O grupo das formandas de gestão definia o trabalho doméstico como:

- [A] O tipo de trabalho que se conhece.
- [B] Elas trabalham quase 24 horas por dia.

Opiniões semelhantes foram expressas por empregadas da indústria hoteleira. As formandas de linhas de montagem, com 19-21 anos, referiram:

- [A] A maioria das pessoas não considera isso um emprego, mas cuidar dos filhos, independentemente de se sair de casa e trabalhar 8 horas, é um trabalho.
- [B] É o mesmo que outro trabalho qualquer, a única diferença é que noutro emprego existe uma qualificação, enquanto tomar conta dos filhos é natural.

As gerentes de hotel consideram que o Estado tem a responsabilidade de prestar apoio financeiro, embora tal não aconteça:

- [A] Devia haver apoios financeiros para lhes permitir ter um trabalho remunerado.
- [B] Devia existir algum tipo de subsídio para que pudessem pôr os filhos em creches... Afinal de contas, são cerca de 70-80 libras por semana e não é prestado qualquer tipo de auxílio.
- [C] Devia haver mais instituições de guarda de crianças e coisas do género.

Malabarismos

Confrontadas com a inevitabilidade dos filhos, com um Estado que parece desinteressado em apoiá-las financeiramente, com a pouca diligência e problemática ajuda dos parceiros, é sobre as mulheres que acaba por recair o fardo da guarda dos filhos, sendo elas que, de alguma forma, terão de conciliar estas realidades. As gerentes de hotelaria colocam esperanças em terem o seu próprio hotel. Algumas das mulheres estão conscientes das possibilidades implícitas no trabalho partilhado (*job sharing*), em tempo parcial "e coisas do género":

Não sei como isso se encaixaria com o emprego a tempo inteiro, o emprego verdadeiramente exigente.

Mostraram-se igualmente cientes das possibilidades oferecidas pela tecnologia:

Com a tecnologia também é muito mais fácil, as pessoas podem trabalhar em casa e

tudo. Sei que é difícil tomar conta dos filhos e ainda trabalhar, mas pelo menos pode fazer-se isso em casa.

As formandas do curso de vendas a retalho colocaram a questão de se tentar trabalhar das 9 às 3 “para que a vigilante não tivesse de tomar conta das crianças”. Embora também prevejam:

- [A] Se a criança adoecer, não será possível às mulheres concentrarem-se no trabalho.
- [B] Acho que afectaria a capacidade de trabalho.

Quanto às jovens universitárias em pós-graduação, afirmam:

- [A] Provavelmente, eu não gostaria de ter uma carreira exigente, porque preferiria estar sempre presente para a família ...
- [B] Não penso que fosse mesmo capaz de lidar, ao mesmo tempo, com uma carreira numa posição de responsabilidade e com uma família.
- [C] É uma coisa horrível, somos todas mulheres dos anos 90 e devíamos ser fortes e isso... talvez seja por isso que eu estou a escolher a minha carreira, porque acho que talvez daqui a uns anos... terei de deixar o trabalho a tempo inteiro e só fazer umas coisas aqui e ali.

Na perspectiva das formandas de linhas de montagem:

- [A] É difícil, mas consegue fazer-se, a questão é que nos sentimos cansadas e é provável que não demos a devida atenção.
- [B] Julgo que é de facto possível, mas não penso que seja fácil.

Destas formandas, as que estavam no momento nessa situação (filhos e actividade profissional) acabavam muito simplesmente por continuar:

Porque estamos habituadas, temos de o fazer, queremos fazer.

As jovens entrevistadas pensavam adiar o mais possível este estilo de vida árduo e, entretanto, esperavam que o Estado alargasse a outras situações os apoios financeiros oferecidos às mães solteiras.

Os homens

Entre os homens verificou-se um forte desejo de ter filhos. Esperam que sejam as mulheres as mais envolvidas com a guarda dos filhos, embora também aceitem a necessidade de elas terem um trabalho remunerado. A principal solução apontada pelos homens passa pela continuação do seu papel de provedores do sustento da família e por adiarem ter filhos, sendo ambas as questões de natureza económica. A família é importante para os homens:

Absolutamente vital, eu acabaria por me suicidar se estivesse a viver sozinho, não vejo maneira de conseguir isso, as pressões, a solidão, tudo isso.

Alguns deles, tais como os formandos de cursos de informática para contabilidade, opõem-se a que as mulheres com filhos continuem a viver em casa dos pais delas, considerando isso “confuso para o bebé, mais do que qualquer outra coisa”, “ele necessita de saber qual é a sua família directa”. Com efeito, a ajuda dos avós na guarda das crianças é vista negativamente por alguns homens, porque as crianças “dirigiriam os seus afectos para os avós e não para os pais”. Há alguma consciência da importância potencial dos apoios estatais, embora isso seja visto em termos de encorajamento das mulheres para terem filhos (mais do que para fazerem abortos), na abertura de creches, etc.

Existe o sentimento generalizado de que é mais difícil para as mulheres do que para os homens conciliar trabalho e família:

[A] Há uma diferença para as mulheres, penso que se assiste àquela ideia de que as mulheres deviam estar em casa em vez de trabalharem fora.

[B] As pessoas, penso eu, dizem “olha os filhos dela”. E penso que perguntarão mais onde está a mãe do que onde está o pai, por isso penso que é mais difícil para as mulheres... e muito mais fácil para os homens.

Esta situação, contudo, pareceu ser geralmente aceite. Apenas um dos formandos dos cursos de vendas a retalho chegou a sugerir que “seria bom ver um dia os homens a levar os filhos à creche e a ir buscá-los à tarde”.

O chefe de família

A ideia adquirida de que o homem detém o papel instrumental e a forma como os jovens vêem esse facto como a solução para o problema da conciliação do trabalho com a família foi muito marcante. Assim, na perspectiva dos jovens gerentes de hotel com 20 e poucos anos de idade, a carreira, seja ou não vista com relação à família...

[A] É o importante de momento.

[B] Eu preciso de dinheiro para fazer o meu papel e sustentar a mulher.

[C] Não há mais ninguém com quem contar... Não importa como a Anna se está a sair profissionalmente, não podemos depender dela.

De maneira semelhante, para os formandos de vendas a retalho (de 18-29 anos, com o *leaving certificate*) o homem da casa é normalmente visto como o “chefe de família”.

Entre os formandos de cursos de informática para contabilidade, existe a associação implícita de masculinidade/ter a família a seu cargo/ganhar poder:

[A] Se se quer ter uma família a cargo, terá de se ganhar suficientemente.

[B] Não me queria ver daqui a cinco ou dez anos incapaz de sustentar os meus próprios filhos.

Entre alguns deles existe, no entanto, a aceitação de que não serão os únicos a contribuir para o orçamento familiar:

[A] Muito poucos jovens conseguem sustentar alguém financeiramente.

[B] Deixar a mulher em casa a tomar conta dos filhos, ir trabalhar e chegar a casa e ter o jantar pronto são coisas que quase já não existem. Não seríamos capazes de os sustentar sozinhos.

[C] São precisos dois salários, hoje em dia.

Da mesma forma, os formandos de sistemas informáticos com elevadas habilitações literárias (licenciatura ou outra formação equivalente) pensam que o custo de vida é de tal modo elevado que “ambos precisam de trabalhar, mesmo se um o fizer apenas em *part-time*”.

Os jovens de 19-20 anos operários aprendizes também sugeriram a necessidade de duas fontes de rendimento para a família. Estes possuem uma filosofia muito directa e simplista: dinheiro=emprego=vida. Muito simplesmente, para eles não existem problemas que o dinheiro não resolva....

No mesmo sentido, os jovens de 18-19 anos com o *leaving certificate* que recebiam formação para empregados de comércio viam o emprego como um factor “fundamental”:

Não se trata de cinismo, mas ao passo que as relações vêm e vão, é preciso um trabalho para se poder viver.

Apenas um dos homens mais velhos, trabalhador por conta própria e a frequentar um curso de informática, declara não ver problemas em não ser o próprio a garantir o sustento familiar:

Se se for casado com uma pessoa que está a trabalhar e ganha o suficiente para sustentar a família, não vejo problema nenhum se o outro não trabalhar, desde que tenha algum tipo de interesse... fazer um papel de consultoria... qualquer tipo de trabalho para não se estar em casa todo o dia sem fazer nada.

Adiar o nascimento dos filhos (e o casamento)

Tanto para os homens com mais habilitações literárias, como para os restantes, os filhos são “muito importantes”. Alguns licenciados dizem:

[A] Um dia mais tarde, sim... quero dizer, não me casarei tão cedo, não vou querer filhos durante uns anos, mas mais tarde vou querer. Sem dúvida, será definitivamente uma prioridade.

[B] Faz parte de nós ter filhos.

Quando interrogados acerca das coisas que podem ou não podem acontecer devido ao facto de serem homens, pensam simplesmente em termos da sua incapacidade para ter filhos:

Uma diferença capital é os filhos, não somos fisicamente capazes, é a única diferença.

O mesmo tipo de resposta acerca da grande importância atribuída aos filhos ocorreu em outros grupos. Entre os formandos de cursos de informática para contabilidade:

[A] Talvez se não estivéssemos entusiasmados com a ideia dos filhos não dêssemos pela falta, não pensaríamos em tê-los. Mas, na verdade, gostaria de os ter um dia, ensiná-los a nadar, a pescar e esse género de coisas.

[B] Penso que se goza mais a vida, se a partilharmos com os filhos. Não agora, mas daqui a uns anos.

[C] Não quero acabar sozinho, como um velho solteirão....

O dinheiro entra em linha de conta na decisão da altura de casar:

Antes de casar, gostaria de ter um bom pé-de-meia... seria completa e absolutamente estúpido casar sem um mínimo de segurança... algum tipo de suporte financeiro por detrás.

A visão que os aprendizes de soldador e de outras profissões operárias têm do casamento é muito prática:

[A] Se não temos emprego, não há dinheiro, por isso como é possível casar e comprar uma casa? Um casamento custa cerca de 6000 libras... É preciso um bom emprego para juntar essa quantia.

[B] Com algumas mulheres, sem eu ter um emprego, seria mesmo uma relação de ocasião.

Para os homens deste grupo, o dinheiro é ainda mais importante quando se pensa em ter filhos. Para eles, ser pai sem ter um emprego é uma "loucura":

Se se têm filhos, tem de se lhes dar tudo, bem, não tudo, mas dar-lhes as melhores oportunidades disponíveis, assim penso que é preciso dinheiro para isso, é claro que o dinheiro não é tudo, mas conta muito.

Quanto aos formandos de venda a retalho, consideram:

Se pensarmos em ter dois filhos, queremos ser capazes de os levar de férias ou isso, não apenas dar-lhes as coisas mais essenciais.

Os formandos de informática achavam que a melhor altura para ter filhos era dos meados ao final dos 20, quando já se atingiu alguma estabilidade:

[A] Porque já se teve tempo, está-se encaminhado na carreira, já se pensou no assunto, provavelmente já se está casado e isso.

[B] De qualquer forma, não seria bom ter filhos até se estar estável, ter uma casa, própria ou arrendada, onde se tencione ficar.

De acordo com os jovens gerentes de hotelaria, uma boa altura para ter filhos era “por volta dos 30, quando já se assentou na vida e se tem uma carreira estável”:

[A] Um casal recentemente casado, que não tem empregos suficientemente sólidos, não deve ter filhos.

[B] A melhor coisa é adiar os filhos até se ter subido um pouco na carreira primeiro... então já teriam uma escolha, não teriam de trabalhar até tão tarde, se não o desejassem.

Implicitamente estes jovens não vêem necessidade de o sistema facilitar a conciliação do trabalho com a família. Um deles salientou que a altura de ter filhos não dependia deles e insinuou o poder da mulher no interior da família:

Não importa o que se quer. Será quando ela quiser, se ela desejar ter um emprego e não quiser filhos, será assim.

Apoios do Estado

Para os jovens na gestão hoteleira, o Estado tem responsabilidades para com as mães solteiras, embora revelem ambivalência quanto às consequências de tal situação:

[A] É a velha questão da família. O ambiente estável, a criação dos filhos... O Estado paga à mulher na ausência do pai.

[B] A visão que elas têm da vida é diferente... o Estado está a sustentá-las, não o marido, e esse é o problema.

Os formandos de venda a retalho consideram que o Estado tem um papel, especialmente quando a mulher é o único progenitor a tomar conta da criança:

[A] Elas não podem subsistir a não ser se o Estado fizer algo.

[B] Elas estão a assumir uma excelente responsabilidade, estão a tentar realmente criar uma família por sua conta, é uma coisa muito difícil, por isso acho que merecem algo, certamente.

Quanto aos alunos de sistemas informáticos, também defendem a ideia de que o Estado deve dar algum apoio, o qual para alguns deverá assumir-se, sobretudo, na prestação de serviços de guarda das crianças:

[A] Elas devem receber apoio do Estado. Só a trabalhar em casa significa que não têm hipótese de ter o seu próprio dinheiro.

[B] O Estado devia prestar um apoio mais a nível de serviços do que de dinheiro, como uma creche estatal de custo reduzido.

[C] Penso que seria bom uma creche para lhes permitir trabalhar fora. Às mulheres que não pudessem mesmo sair de casa deviam atribuir um subsídio e fazê-las sentir que também estão a fazer um trabalho válido.

Um jovem estudante em pós-graduação sugeriu igualmente que “de preferência” houvesse apoio financeiro para as mães, uma vez que “se promovem mais os valores familiares se se incentivarem as mulheres a voltar aos seus papéis tradicionais”. Contudo, concluiu que “financeiramente, não existe qualquer esperança, acho eu, seria inoportuno para o governo”. Os aprendizes de soldador e outros ofícios também pensavam que “o Estado devia dar algo, mas nós estamos só a enganar-nos a nós próprios se pensarmos que isso vai acontecer”.

Conclusão

O que emerge destas entrevistas de grupo focalizadas, feitas com jovens de ambos os sexos, é, de uma maneira geral e num grau variável, a tendência para todos encararem a educação dos filhos como uma tarefa muito importante, que requer grande quantidade de tempo e esforço por parte da mulher. Foi sugerido que elas próprias não se sentiriam confortáveis com um marido que ficasse em casa, em parte devido ao proteccionismo que fazem em relação aos homens e, na sua maioria, encaravam a maternidade como algo a ser adiado. Sonham com um Estado que lhes dê apoio, enquanto elas cuidam dos filhos a tempo inteiro. Contudo, de forma realista, entusiasmam-se por aquilo que esperam ser um estilo de vida esgotante.

Os homens revelaram sentir uma forte necessidade de serem os provedores do sustento da família. No entanto, alguns afirmaram que já não é possível ou realista pensar-se em ser o homem o único a ganhar para a casa. Entre muitos deles, há um desejo forte de terem filhos no futuro, e parece que estão mais inclinados para isso do que as mulheres, mais entusiasmados do que elas para os ter. Por outro lado, mostraram-se menos entusiasmados em relação aos apoios financeiros fornecidos pelo Estado às mulheres que escolhessem trabalhar a tempo inteiro na vida doméstica, porque achavam que isso os substituíam a eles como chefes de família. Outros, contudo, viam nisso uma forma de elas voltarem ao lar, embora todos procurem soluções individualizadas para o problema da conciliação entre trabalho e família.

Notas

- 1 A autora gostaria de agradecer ao Comité Nacional da Academia Real Irlandesa para as Ciências Sociais e Económicas e ao Instituto Britânico pelo financiamento recebido que, juntamente com a UE e outros apoios, tornaram possível empreender este projecto.

- 2 O segundo ciclo tem uma duração de 5 ou 6 anos, conforme se faça ou não um ano opcional, e inicia-se quando o aluno tem cerca de 12 anos.
- 3 O *leaving certificate* é obtido no fim do segundo ciclo, isto é, aos 17 ou 18 anos.
- 4 O *junior certificate* anteriormente designado certificado intermédio, é obtido após 3 anos de frequência do segundo ciclo, por volta dos 15 anos

Referências bibliográficas

- Brannen, J., e J. Smithson (1998), "Conciliação entre o trabalho e os filhos", *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 27, 1998.
- Clancy, P. (1991), "Demographic changes and the Irish family", in G. Kiely (org.) *The Changing Family*, Dublin, Family Studies Centre.
- Comissão Europeia (1995), *Bulletin on Women and Employment in the EU*, Abril, n.º 6.
- Connell, R. W. (1995), *Gender/Power*, Oxford, Basil Blackwell.
- CSO (1995) *Vital Statistics: Fourth Quarter and yearly summary*, Dublin, Government Publications.
- CSO (1997A), *Women in the Workforce*, Dublin, Government Publications.
- CSO (1997B), *Labour Force Survey 1996*, Dublin, Government Publications.
- CSO (1997C), *Vital Statistics Second Quarter*, Dublin, Government Publications.
- Durkan, J., O'Donohue, M. Donnelly e J. Durkan (1995), *Women in the Labour Force*, Dublin, Employment Equality Agency.
- Eurostat (1995), *Women and Men in the European Union*, Luxemburgo.
- Eurostat (1996), *Statistics in Focus: Population and Social Conditions*, Luxemburgo. n.º 3.
- Forum Special (1997), *Employment and Social Affairs*, Comissão Europeia, DGV.
- Fahey, T. (1991), "Measuring the female labour supply: conceptual and procedural problems in the Irish official statistics", *The Economic and Social Review*, 21, 2, 163-101.
- FAS (1995), *Annual Report*, Dublin, Foras Aiseanna Saothair.
- FAS (1997), *Women in Focus 1995-97*, Dublin, Foras Aiseanna Saothair.
- Hannan, D. Smyth, E. Mc Cullagh, R. J. O'Leary, e D. Mc Mahon (1996), *Co-Education and Gender Equality*, Dublin, Oak Tree Press.
- Lynch, K. e E. Mc Laughlin (1995), "Caring labour and love labour", in P. Clancy. S. Drudy. K. Lynch e L. O'Dowd (orgs.), *Irish Society: Sociological Perspectives*, Dublin, IPA.
- Lynch, K. e V. Morgan (1995), "Gender and education: north and south", in P. Clancy, S. Drudy, K. Lynch e L. O'Dowd (orgs.), *Irish Society: Sociological Perspectives*, Dublin, IPA.
- NESF (1997), *Early School Leavers and Youth Unemployment Forum Report*, Dublin, Government Publications, n.º 11.
- O'Connor, P. (1998), *Changing Places: Women in Contemporary Irish Society*, Dublin, IPA.
- O'Connor, P. e S. Shortall (1996), "Does the border make the difference?", artigo apresentado no Simpósio da Academia Britânica na Irlanda: Norte e Sul, Nuffield College, Oxford, Dezembro.
- Rapid Reports (1993), *Women in the European Community Population and Social Conditions*, Bruxelas.

- Rubery, J., M. Smith e C. Fagan (1996), *Trends and Prospects for Women's Employment in the 1990s*, Bruxelas, Divisão da Igualdade de Oportunidades.
- Whelan, C. (1992), *Stability and Change in Values and Attitudes relevant to Women's Participation in the Labour Force and Wider Role in Society: An Analysis of the European Values Surveys*, Dublin, relatório não publicado, Commission on Status of Women.
- Whelan, C. e T. Fahey (1994), "Marriage and the Family", in C. Whelan (org.), *Values and Social Change in Ireland*, Dublin, Gill and Macmillan.